

Os estudos sobre ciência, tecnologia e sociedade têm conquistado nos últimos anos uma série de avanços, com criativos e interdisciplinares diálogos com áreas como a Filosofia e História da Ciência e da Tecnologia, a Sociologia do Trabalho e da Ciência, com a Antropologia Cultural, entre outras¹. Desta forma, novos temas e novas metodologias têm contribuído para a compreensão e democratização dos fenômenos científicos e tecnológicos, sendo uma das principais aquelas que relacionam gênero, ciência, tecnologia e trabalho². Neste sentido, são exemplares os artigos publicados nesta edição dos Cadernos de Gênero e Tecnologia.

O texto de Lindamir Salete Casagrande e Marília Gomes de Carvalho, "Gênero: Um Conceito, Múltiplos Enfoques", realiza uma breve revisão de algumas vertentes teóricas sobre o conceito de gênero, demonstrando as suas implicações políticas e sociais em diferentes contextos, desvelando uma genealogia das lutas que circundam a constituição das múltiplas identidades masculinas e femininas no tempo. As autoras, baseando-se em Costa e Scott, resgatam algumas tendências no estudo de gênero, como as freqüentes dicotomizações; a visão de gênero como patriarcado; aquela que considera o gênero como "variável psicológica"; a corrente psicanalítica; as relações de gênero vistas como "sistemas culturais"; o feminismo marxista. Porém, as autoras inscrevem-se teoricamente naquelas correntes que assumem uma visão relacional de gênero. Os gêneros são percebidos como "construções sociais contextualizadas e em constante transformação", permeadas pelas relações de poder, portanto são múltiplos e plurais os masculinos e femininos necessariamente "localizados histórica e culturalmente".

O artigo de Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy, "Gênero e Divisão Sexual do Trabalho no Brasil", discute as múltiplas articulações entre gênero e reestruturação das formas de organização do trabalho no Brasil no contexto da globalização. As autoras enfatizam especialmente o papel das relações de gênero "na construção de novas desigualdades", de ampliação das heterogeneidades. Elas mostram que estas diferenciações, continuidades e rupturas, podem ser construídas em "diferentes empresas, setores ou atividades, utilizando, nesse processo, o trabalho masculino e o feminino". Assim, em uma mesma empresa, enquanto o "novo operário", aquele do padrão toyotista, é geralmente masculino, discursivamente considerado como "sujeito" do processo de trabalho, "setores feminizados permanecem em grande parte taylorizados". Outra questão indicada é a "inserção excluída", ou seja, apesar do significativo aumento de "oportunidades de emprego para as mulheres, boa parte dessas atividades profissionais são desprotegidas ou precárias". Esta inserção excluída é complementada pela continuidade da desigualdade dos rendimentos entre homens e mulheres, pela intensificação das doenças ocupacionais, pela permanência "da ocupação dos cargos de acordo com concepções tradicionais de atributos masculinos e femininos", pela